

**GRUPOS DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA
– GEES/ESCOLA: A CRIAÇÃO DE “REDE DE FORMADORES”**

Ricardo Desidéreo da Silva

Leticia Anami Figueiró

Márcio Alessandro Neman do Nascimento

¹Dra Mary Neide Damico Figueiró – Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Em um Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão, criamos a “rede de formadores”, em concomitância com o desenvolvimento, na Universidade Estadual de Londrina, do “Grupo de Estudos sobre Educação Sexual” (GEES), composto de 22 encontros semanais. Pretendemos investigar a viabilidade e a contribuição da realização de GEES no espaço da escola (GEES/Escola), sob a coordenação de professores já formados pelo GEES, que, supervisionados por psicólogos ligados ao Projeto, lideraram um GEES em sua escola. Em 2009 e 2010, foram desenvolvidos 06 GEES/Escola, sendo 05 em escolas públicas do Ensino Fundamental, e 01 em um Centro de Educação Infantil. O enfoque teórico adotado é a formação reflexiva sobre a prática pedagógica e também a educação sexual emancipatória. Com a criação do GEES/Escola foi possível sensibilizar um número maior de profissionais para a atuação em educação sexual, e conscientizar sobre a importância do papel da escola na tarefa da educação sexual. Concluímos que as Universidades e as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação devem assumir seu papel fundamental no apoio aos educadores para que a sua formação continuada aconteça, tenha *continuidade* e caminhe, cada vez mais, rumo à autonomia da própria escola, neste processo. Sem este apoio, a educação sexual junto aos alunos dificilmente se efetivará.

Palavras-chave: Educação Sexual; formação de educadores sexuais; sexualidade.

I - INTRODUÇÃO

[...] coloca-se como indispensável a formação de uma rede de “formadores”, ou seja, o fortalecimento dos níveis intermediários, mas situados nas escolas e trabalhando com os professores.

(KRAMER, 1989, p.204)

Este artigo apresenta dados do Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina e tem como base as experiências realizadas via Projeto de Extensão, no qual trabalhamos, desde 1995, o chamado: “Grupo de Estudos sobre Educação Sexual” (GEES), composto de 22 encontros semanais, do qual

¹ Coordenadora do Projeto e docente da UEL.

participam, em sua maioria, professores, em especial da rede pública, mas também profissionais da Área da Saúde, Serviço Social, Educação e outras.

O GEES, que em 2010 atingiu sua 12ª segunda edição, acontece anualmente e tem como objetivo conscientizar profissionais das várias Áreas supracitadas sobre a importância da educação sexual e prepará-los para atuar como educadores sexuais. Sob a coordenação dos alunos do quinto ano de Psicologia da UEL, são realizados 22 encontros anuais, de três horas e meia de duração, todas as quintas feiras, de maio a novembro, sendo que são constituídos quatro grupos de vinte integrantes cada. Este trabalho formativo envolve discussões e reflexões sobre os temas relacionados à sexualidade e dá direito a um certificado de 90 horas pela Pró-Reitoria de Extensão à Comunidade, da Universidade.

A partir do ano de 2006, o trabalho com o GEES assumiu um novo formato, pois passou a contar com a parceria do MEC/ SECAD -- Ministério de Educação e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, de Brasília, denominando-se: “Formação de Profissionais para a Educação Sexual, o Combate à Homofobia e a promoção da Cidadania Homossexual”², uma vez que estava incluído no Programa Brasil sem Homofobia, criado pelo MEC .

Nos anos de 2007, 2008 e no primeiro semestre de 2009, ao concluírem o GEES, os participantes, professores em sua maioria, tinham a possibilidade de frequentar o Mutirão Orientador (MO), o qual pode ser considerado uma segunda fase do GEES, cuja proposta era acompanhar e supervisionar trabalhos de educação sexual realizados pelos educadores formados pelo GEES, seja nas escolas, ou nos sistemas de saúde onde trabalhavam. Nesse período, então, pode-se contar com a verba do MEC/SECAD, a qual oportunizou a contratação de quatro psicólogos com experiência em formação de educadores sexuais, que, atuando em vinte horas semanais, faziam o referido acompanhamento e supervisão.

A experiência com os M.Os. comprovou que os educadores aprendem de forma mais efetiva a trabalhar no campo da educação sexual e ganham mais segurança para esta atuação quando têm a oportunidade de ir além de um período inicial de formação (que no caso, era um ano de participação no GEES), podendo continuar seus estudos contando com supervisão de profissionais qualificados, os psicólogos. (FIGUEIRÓ, 2006)

² Este projeto teve vigência no período de dezembro de 2006 até o julho de 2009.

A partir dos resultados obtidos nas experiências com os GEES e os M.Os., e não mais podendo contar com a contratação de psicólogos experientes em formação de educadores sexuais, percebeu-se a necessidade de criar uma nova vertente de atuação, o que levou à criação do GEES/Escola³, coordenado pelo próprio professor da escola, já formado em educação sexual, pela UEL. Esta nova proposta de Projeto Integrado de Extensão e Pesquisa teve o intuito de investigar em que medida os professores que participaram do processo formativo, via GEES, ou GEES e M.O, podem contribuir com a expansão da educação sexual, por meio de um trabalho cujo objetivo deve ser o de sensibilizar seus colegas da própria escola, despertando neles o interesse e a motivação pelo trabalho com a educação sexual, conscientizando-os sobre a importância do papel da escola na educação sexual e ajudando-os no aprendizado dos fundamentos básicos pertinentes à temática. Ainda, como meta da pesquisa pretendeu-se identificar os elementos favorecedores e os dificultadores da realização de GEES/Escola.

Em estudo anterior, uma conclusão importante foi apontada: “Em se tratando de formação continuada dos professores, acreditamos ser necessária, ainda, alguma medida de caráter mais amplo que envolva o conjunto dos profissionais de uma mesma instituição”. (FIGUEIRÓ, 2006, p.296). Esta conclusão encontra respaldo em Kramer, que, ao tratar da formação continuada, de forma geral, faz o seguinte chamamento: “[...] coloca-se como indispensável a formação de uma rede de “formadores”, ou seja, o fortalecimento dos níveis intermediários, mas situados nas escolas e trabalhando com os professores”. (KRAMER, 1989, p.204, *apud* FIGUEIRÓ, 2006, p.296)

A criação deste tipo de intervenção encontra, também, respaldo em vários estudiosos da formação continuada, como por exemplo, Caldeira (1995) e Kramer (1989), os quais têm apontado que, de preferência, a escola seja o próprio *locus* da formação continuada, tendo em vista, sobretudo, que é importante e necessário o envolvimento de todos os profissionais da escola nas discussões e reflexões sobre o tema, principalmente no caso da educação sexual.

³ Escolhemos denominar de GEES/Escola, porque a participação, nos GEES, por profissionais da Educação é muito maior do que por profissionais da Saúde e da Ação Social, apesar destes dois estarem crescendo, ano a ano, de maneira significativa. Então, esclareço que o “GEES/Escola” pode se dar, também, nos locais de trabalho do setor da Saúde e da Ação Social. Também o termo professor/a é usado mais frequentemente, em função de ser maior a presença de professores nos GEES.

Neste Projeto Integrado, as questões que nortearam a Pesquisa foram as seguintes:

- Em que medida um educador já formado pelo GEES consegue, em seu local de trabalho, reunir colegas interessados no tema da educação sexual e coordenar um GEES/Escola?
- Quais seriam os fatores limitadores deste tipo de trabalho?
- Quais seriam os fatores facilitadores?
- Haveria aceitação dos colegas de trabalho pela proposta do GEES/Escola?
- Conseguiria o líder do GEES/Escola sensibilizar seus colegas para a importância da educação sexual e para o papel da escola na educação sexual dos alunos?
- Qual seria o alcance do GEES/Escola: apenas conscientizar sobre a importância da educação e iniciar estudos e reflexões ou ele seria já suficiente para que alguns professores participantes iniciem-se no trabalho de ensino da sexualidade com seus alunos?
- No caso dos professores de uma dada escola que não participaram do GEES/Escola, que motivo os teria levado a não se envolver?
- Qual o papel e a influência exercida pela equipe administrativa da escola? E pela equipe pedagógica?
- Que reflexos pode ter o desenvolvimento de um GEES/Escola em toda a dinâmica da instituição?

O enfoque teórico que adotamos neste trabalho é a Educação Sexual Emancipatória e, do ponto de vista do exercício de formação do educador, o enfoque teórico é a formação reflexiva, pautado em teóricos como Nóvoa (1997), Perrenoud (1999) e Schön (1997), por exemplo, os quais defendem que a formação continuada deve estar ancorada no exercício de discussão em grupo e de reflexão sobre a própria prática pedagógica do cotidiano do professor.

A sexualidade é inerente ao ser humano e se faz presente, de forma significativa, em todas as fases do desenvolvimento humano, da infância à velhice. Contudo, há que se considerar a necessidade premente de um processo formativo de educação voltado para ela, ou seja, a necessidade da educação sexual formal, portanto, planejada e intencional. Porém, quando tratamos deste tipo de educação, nos deparamos com um desafio que precisa ser superado: a maneira simplista pela qual se dá o ensino da sexualidade, ou seja, restringindo-se à sua dimensão biológica e à prevenção de doenças e de gravidez. Todavia, a educação sexual, como um espaço de reflexões e formação, é um direito de todas as pessoas, sobretudo de crianças e jovens, para que construam uma visão

positiva da sexualidade, elaborando seus próprios valores a partir de um pensamento crítico (SIMONETTI, 1994).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), documento elaborado em meados de 1997 pelo Ministério da Educação, a sexualidade deve ser tratada, nas escolas, por professores das variadas disciplinas, pelo fato de ser algo natural que, além dos aspectos biológicos, envolve a cultura, a história, a comunicação entre as pessoas, os afetos e os sentimentos.

Entretanto, devemos salientar que a maioria dos educadores traz consigo tabus, preconceitos, dúvidas e medos em relação à sexualidade, e para que desenvolva uma boa educação sexual junto a seus alunos é preciso que também eles, professores, se reeduquem sexualmente. (MELO, 2001; 2004)

Este processo de reeducação sexual e formação do professor é bastante complexo e não pode ser feito de maneira pontual, nem tampouco, superficialmente, uma vez que, além do estudo aprofundado dos vários temas relacionados à sexualidade, assim como de estratégias de ensino da sexualidade, o educador necessita de repensar o conjunto de valores e crenças construído durante toda sua vida. Sobretudo, ao começar a trabalhar com o ensino da sexualidade, ele pode deparar-se com situações difíceis nas quais poderá sentir dificuldade, o que demandaria uma supervisão de seu trabalho.

É fundamental o “preparo” dos educadores para o trabalho com o ensino da sexualidade, pois é participando de processos de formação continuada sistemática e de qualidade, na qual podem rever suas próprias crenças e valores relativos à sexualidade, que eles podem mostrar-se mais abertos e seguros para lidar com o grande número de situações que, certamente, acontecem no contexto escolar.

As experiências resultantes do GEES e do M.O. demonstraram que os professores⁴ que participam desses processos formativos compreendem a responsabilidade que a escola tem no ensino da educação sexual e avançam, significativamente, no sentido de rever seus conceitos, dúvidas e sentimentos pessoais que limitam sua intervenção na área da sexualidade, como por exemplo, a insegurança, o medo e a idéia de que falar sobre sexo pode incentivar a criança ou adolescente a querer praticá-lo, entre outros. Porém, apesar dos resultados positivos que se tem encontrado, é fundamental que nos

⁴ Refiro-me, comumente, a professores (e à escola), por ser a maioria dos participantes do GEES. Contudo, devo dizer que tudo se aplica, também, a profissionais da Saúde ou da Ação Social e, conseqüentemente, a seu posto de trabalho.

preocupemos com a *continuidade* da formação continuada em educação sexual desses profissionais que passaram por essas duas etapas, para que a contribuição da Universidade, na educação sexual, não cesse com a saída desses professores. A própria fala dos participantes, ao afirmarem que seria necessário mais tempo para maior discussão dos temas abordados, ao final do ano, deixa claro que um ou dois⁵ períodos relativamente extenso de estudos sobre a Educação Sexual não é um trabalho conclusivo. (FIGUEIRÓ, 2006).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do GEES/Escola, foi necessário envolver vários profissionais em três diferentes funções:

- a) Coordenadora do Projeto: a professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional, autora deste projeto.
- b) Supervisor/a: Profissionais com experiência em Educação Sexual, que tinham, como função orientar e supervisionar a atuação da líder do GEES/Escola, ajudando-a na elaboração do plano de cada encontro do GEES/Escola, na seleção de textos para estudo e na avaliação dos encontros realizados. Coube a ele/a, também, realizar visitas periódicas na escola envolvida com o Projeto.
- c) Líder do GEES/Escola: é o/a educador/a que já participou do GEES e que passou a coordenar um GEES/Escola, no local em que trabalha. Tivemos apenas líder do sexo feminino, embora é costume haver uma pequena porcentagem (por volta de 10 a 15%) de homens freqüentando o GEES.

Inicialmente, foi feito um levantamento das pessoas – profissional da Educação, ou da Saúde, ou da Assistência Social – que participaram do GEES, em anos anteriores, e que quisessem coordenar um GEES/Escola, em seu local de trabalho, que, logicamente, pode ser a escola, o Centro de Saúde ou de Ação Social. Após a seleção das líderes, foi proposto, a elas, um primeiro encontro com a participação do/a supervisor/a e da Coordenadora do Projeto, para que fossem esclarecidos todos os detalhes da criação do GEES/Escola. O desenvolvimento do trabalho da líder foi acompanhado, pela supervisora, passo a passo, e ambos/as elaboravam relatórios sobre o desenvolvimento das atividades; no caso, a líder fazia os registros de cada GEES/Escola que coordenava, enquanto a

⁵ Um período relativamente extenso refere-se ao GEES e dois refere-se ao GEES e M.O.

supervisora fazia os registros de cada supervisão que desenvolvia junto à líder, bem como das visitas que fazia à escola.

Vários instrumentos de levantamento e de avaliação foram aplicados, pela líder, junto aos participantes do GEES/Escola. O primeiro, aplicado logo no primeiro encontro, teve como propósito conhecer o posicionamento dos mesmos com relação à educação sexual e verificar quais as expectativas em relação ao GEES/Escola, entre outros objetivos. Um segundo instrumento foi aplicado ao final do encontro que representou 50% do total de encontros planejados, para haver uma avaliação do encaminhamento do trabalho, a fim de realizar possíveis mudanças que se fizessem necessárias, antes da conclusão final do Projeto. Um terceiro instrumento foi aplicado no último encontro, para uma avaliação final do GEES/Escola e, portanto, para a verificação do alcance dos objetivos propostos no Projeto. Ao/à supervisor/a coube, também, auxiliar a líder na tabulação e análise dos resultados de cada instrumento aplicado.

Havia séries de critérios para a formação e desenvolvimento do GEES/Escola, como forma de seguir uma padronização. Um deles, a título de exemplo, foi o seguinte: Podem integrar o GEES/Escola: professores, profissionais da equipe pedagógica e da equipe administrativa. Em cada local que o GEES/Escola aconteceu, pôde ser estudada a inclusão dos profissionais da área de serviço, como cozinheira, zeladora e porteiro, por exemplo. Um outro critério estipulado foi quanto ao número mínimo de encontros a ser realizado, que deveria ser de, no mínimo, 4 e, no máximo, 7 ou 8, por semestre. Caso a escola optasse por fazer um planejamento anual, o número dos encontros deveria ser de, no mínimo, 8 e, no máximo, 15. A duração de cada encontro poderia variar de 2 a 3 horas e ser planejado para ocorrer, preferencialmente, a cada duas ou três semanas. Foi orientado para que se evitassem encontros semanais, pois sobrecarregariam, tanto a líder, quanto a supervisora, e poderiam trazer implicações na qualidade do trabalho. Se possível, ainda, deveriam ser evitados encontros apenas mensais, pois, também, poderia afetar a qualidade do trabalho.

Todos os GEES/Escola aconteceram em horário fora do expediente de trabalho dos professores e a sua participação lhes deu direito a um certificado emitido pela Universidade, que variou de 30 a 40 horas. As líderes tiveram carga horária maior em seu certificado, pois foi computado seu tempo de planejamentos, estudos e participação em sessões de supervisão..

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em 2009 e 2010, foram desenvolvidos 05 GEES/Escola, sendo 03 em escolas estaduais de Ensino Fundamental, 01 em Instituição de Educação Especial para Surdos e 01 em um Centro de Educação Infantil público. Neste conjunto, tivemos como número total de participantes 66 educadores. Foram 6 as líderes, pois, embora cada escola tivesse uma líder, houve uma das Estaduais onde tivemos duas líderes atuando em conjunto. Pudemos contar com a participação de três supervisores, todos inscritos como colaboradores, sendo uma psicóloga, um psicólogo e um professor com graduação em Ensino de Ciências e Matemática, porém com Mestrado cuja pesquisa foi voltada para Educação Sexual. Houve supervisor que atuou em mais de uma escola.

Para este presente texto, selecionamos os três GEES trabalhados no ano de 2009, sendo dois deles em Escola Estadual, de Ensino Fundamental e um deles do Centro de Educação Infantil, público. Desses, temos um total de 42 pessoas. Pautando-nos no instrumento final de avaliação aplicado a todos os grupos, para uma avaliação geral do GEES/Escola, apresentaremos agora alguns resultados, atendo-nos a algumas das 10 questões que compõem o instrumento.

Na questão: O GEES/Escola atendeu às suas expectativas, 100% dos participantes avaliaram que o GEES/Escola atendeu integralmente às suas expectativas. Para ilustrar, é oportuna a fala de algumas educadoras da CEI: -*“Refletimos bastante, desabafamos, trocamos experiências. Acrescentou muito em minha vida pessoal e profissional.”*; *“Tinha dúvidas, o curso me ajudou a esclarecer várias delas”*.; -*“ Entrei no curso com várias dúvidas e muitas outras foram surgindo e desaparecendo com o decorrer do curso, achei excelente, pois me ajudou a romper pré-conceitos, preconceitos e estereótipos que tinha anteriormente por falta de conhecimento.”* Percebe-se que o grupo de estudos favorece a reflexão, pois além de sanar dúvidas, suscita outras, isto é, faz pensar.

A contribuição que a formação continuada em Educação Sexual traz para a vida pessoal de educadores e, não apenas para a sua atuação profissional, já foi apontada nas teses de Guimarães (1989; 1995) e Figueiró (2001;2006).

Na questão: Os assuntos abordados contribuíram para lhe dar base para atuar como educador/a sexual? Dos 42 participantes, 37 responderam de forma positiva e

apenas 5 classificaram como médio, afirmando, por outro lado, que necessitam aprofundar mais nos estudos das questões da sexualidade e ter mais tempo de discussões e leitura.

Os temas apontados pelos participantes como os que consideraram os mais interessantes foram: homossexualidade/diversidade sexual, gênero, abuso sexual, e como lidar com as situações do cotidiano relacionadas à sexualidade.

Quando solicitado, numa outra questão, que registrassem aspectos positivos do GEES/Escola, todos o fizeram. Citaremos alguns deles: *“Possibilita aos professores refletirem sobre a sexualidade na sua prática diária, mas acho que mais positivo ainda é proporcionar reflexão sobre a sua própria sexualidade, como lidar com ela, o que na realidade acaba por refletir na sua atuação educacional.”*; *“[...] familiaridade com a realidade da escola”*; *“Disponibiliza espaço para que os educadores compartilhem suas vivências”*; *“Discussão sobre problemas que podem ocorrer em sala de aula”*.

Um aspecto positivo que apareceu com frequência foi a importância dada pelos participantes para o uso de dinâmicas de grupo e de exercícios que facilitaram a integração da equipe. Num Grupo de Estudos que tem como base o tema da sexualidade, é importante reconhecer a necessidade de se criar o sentimento de coesão e de pertença ao grupo, o que se pode alcançar por meio de dinâmicas de grupo e de espaços para relato de experiências/vivências pessoais.

Quando solicitados para que listassem aspectos negativos do GEES/Escola, 21 participantes apontaram que não houve aspecto negativo; um único deste foi apontado, e por 14 participantes: que o número de encontros deveria ser maior. O fato de se considerar o número dos encontros não satisfatório (ele variou de 08 a 12) tem fundamento, porque são muitas as temáticas que o assunto sexualidade comporta e, por outro lado, algumas delas demandam mais de um encontro para que sejam bem trabalhadas. Este fator dificulta para se alcançar o resultado maior que é o de alguns professores iniciarem o trabalho com seus alunos e, para isso, contar com a assessoria de profissionais especializados é fundamental, pelo menos nos primeiros anos.

Em vários pontos do instrumento, a grande maioria dos participantes apontou reconhecer que para aprender sobre educação sexual não é suficiente participar de um único período de um Grupo de Estudos, que é preciso ter *continuidade* e receber assessoria para ir atuando com supervisão, até que o aprendizado atinja um nível satisfatório, que permita ao educador sentir-se relativamente seguro e confiante.

Uma constatação muito importante neste estudo foi a de que é possível, sim, que um/a educador/a da própria escola, tendo estudado o tema da educação sexual e sem ainda a experiência suficiente para coordenar um Grupo de Estudos, mas recebendo supervisão de profissionais especializados, consiga reunir seus colegas de trabalho alcançar os objetivos, como o de sensibilizar os colegas para estudo tema, para a importância do mesmo na vida dos alunos etc. Sem dúvida, a assessoria recebida foi essencial.

Um resultado peculiar foi obtido, quando uma de nossas líderes, educadora atuante num CEI (Centro de Educação Infantil), desenvolveu, a partir de sua prática na coordenação de um GEES/Escola com seus colegas de trabalho, uma monografia, intitulada: “Educação Sexual na educação infantil: uma experiência de formação continuada, liderada por uma educadora da própria equipe” (GARCIA, 2010). Este resultado, ou melhor dizendo, este processo de construção de conhecimento pela própria educadora em seu exercício profissional é destacado por alguns estudiosos, entre eles, por Caldeira (1995).

Ao mesmo tempo, essa caminhada dessa líder do GEES/Escola vem ilustrar um dos papéis que deve a Universidade desempenhar, no sentido de contribuir para que o educador seja também um pesquisador de sua própria prática e, conseqüentemente, um produtor de conhecimento, como bem esclarece e defendem Giovanni (1998) e Penin (1996), entre outros.

Acreditamos que o desenvolvimento de GEES/Escola, com o número de encontros aumentado e com supervisão, possa dar subsídios aos seus vários integrantes para os passos iniciais no estudo e na prática da educação sexual. Acreditamos que, sobretudo, a criação dessa “rede de formadores” poderá ser o fator impulsionante para que cada escola envolvida possa estruturar-se mais eficazmente a fim de fazer acontecer a educação sexual em forma de um projeto da instituição como um todo, integrando seus vários profissionais. Também, é uma maneira de fazer com que a formação de educadores sexuais saia do âmbito apenas da Universidade para ampliar-se nos espaços escolares. Acreditamos que o fato de algumas escolas assumirem o estudo da educação sexual poderá servir de modelo e de estímulo para que outras escolas sigam o mesmo caminho e, assim, a educação sexual aconteça na prática cotidiana.

Reconhecemos que a proposta da criação de “rede de educadores” explicitada neste projeto apresenta alguns limites, entre os quais se destaca o pouco tempo

de que dispõem as escolas para a realização de grupos de estudos, no horário e no local de trabalho, devido à carga horária dos professores e aos muitos compromissos que os mesmos necessitam de assumir, além do cumprimento da grade curricular.

Com a criação do GEES/Escola, não se pretende que a líder consiga “preparar” os educadores participantes para a realização de trabalho de ensino formal e intencional sobre o tema da sexualidade. Acreditamos que o alcance poderá ficar, em sua maior parte, em nível de sensibilização, conscientização e criação de espaços de reflexões e debate sobre o papel da escola na educação sexual. Acreditamos que podem conseguir ajudar os participantes a iniciarem o exercício de reeducação sexual a que todos os educadores precisam desenvolver se desejarem atuar como educadores sexuais. Contudo, mesmo participando do GEES/Escola, que tem uma carga horária e um número de encontros reduzido, em comparação ao GEES que é desenvolvido na UEL, é possível crer que alguns educadores consigam dar início a um ensino formal da sexualidade.

Com esses objetivos atingidos, podemos considerar a possibilidade de contribuições mais amplas, como o combate a preconceitos, mitos e tabus, entre eles, por exemplo, os mitos em relação ao auto-erotismo, a vergonha de falar sobre sexo e o preconceito em relação à homossexualidade, o qual tem gerado a homofobia. Estes são aspectos importantes que podem ser trabalhados nas escolas, uma vez que quando se tem a oportunidade de refletir sobre seus preconceitos e sentimentos, percebendo que eles são culturalmente construídos, abre-se espaço – tanto para os alunos, quanto para os educadores – para uma tomada de consciência que pode levar a mudanças de atitudes.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A apropriação e a construção do saber docente e a prática cotidiana. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 95, p.5-12, nov. 1995.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. 2001. Tese (Doutorado em Educação). – Universidade Estadual Paulista, Marília, SP., 2001.

_____. *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

GARCIA, Juliana Lopes. **Educação Sexual na educação infantil**: uma experiência de formação continuada, liderada por uma educadora da própria equipe. 2010. Monografia (Especialização em Psicologia Aplicada à Educação) – Universidade Estadual de Londrina, 2010.

GIOVANNI, Luciana Maria. Do professor informante ao parceiro: reflexões sobre o papel da universidade para o desenvolvimento profissional de professores e as mudanças na escola. *Cadernos CEDES*, Campinas, n.44, p. 46-58, 1989.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. *Ilusão e realidade do sexo na escola*: um estudo das possibilidades da educação sexual. 1989. Tese (doutorado em Educação/ Metodologia de Ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1989.

_____. *Educação Sexual na escola*: mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KRAMER, Sonia. Melhoria da qualidade do ensino: o desafio da formação de professores em serviço. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.70, n.165, p. 189-207, maio/ago., p.189–207, 1989.

MELO, Sonia Maria Martins de. *Corpos no espelho*: a percepção da corporeidade em professoras. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

_____. *Corpos no espelho*: a percepção da corporeidade em professoras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. (Coleção: Dimensões da sexualidade).

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: _____. (Org.). *Os professores e a sua formação*. 3.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 13-33.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. *Revista Brasileira de Educação*, n.12, p.5-19, set./ dez. 1999.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António. (Org.) *Os professores e sua formação*. *Os professores e a sua formação*. 3.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 13-33.

SIMONETTI, Cecília. Sexualidade na Adolescência e Programas de Educação Sexual. *Guia de Orientação Sexual, Diretrizes e Metodologia*. GTPOS/ABIA/ECOS, p. 8, São Paulo, 1994.